

Artigo

TECELAGEM E MÉTIS: SUBTERFÚGIOS DA RAINHA MICÊNICA PENÉLOPE

Por Cely Nathany Evangelista

Resumo: As mulheres na Grécia antiga vão utilizar as atividades exclusivamente do universo feminino para subverter uma imposição masculina. Dentro desse contexto a rainha micênica Penélope de Homero, vai utilizar de seus afazeres e sua méti para subverter algumas convenções vigentes, como contrair um novo matrimônio. Em a Odisséia de Homero, a rainha Penélope se estaca como um dos personagens principais do Poema Homérico. Penélope se destaca como uma personagem de grande influência para o poema. Penélope está em meio de uma crise. Enquanto seu marido Odisseu, não volta da guerra de Troia, enquanto ele permeia por aventuras no caminho de volta. Ela precisa escolher um dos 108 pretendentes que estão no seu palácio em Ítaca para esposá-la. A rainha micênica é caracterizada como: fiel ao seu marido e a sua *oikos*, protetora da honra e da *oikos* de seu marido.

Palavras-Chave: Tecer – Penélope – transgressão – Méti – Homero – Odisséia

Através do poema Odisseia, podemos entender o que se passa na formação do espaço grego na Idade do Ferro. Odisseia é um poema que está inserido em uma Grécia que está passando por várias importantes transformações. No século VIII a.C. a Grécia está saindo afastamento, com a destruição dos palácios micênicos, há uma redução de material produzido e um importante crescimento e expansão demográfica. Nesse momento acontece a idade das Trevas, no qual a escrita vai “desaparecer”. Mas Homero será de intensa importância para entendermos a sociedade helênica e sua formação.

A Idade das Trevas foi renomeada pelos historiadores como a Idade do Ferro. Seguindo a tradição anglo-saxônica (Dark Ages) ou Séculos Obscuros, de acordo com historiografia francesa (Siècles Obscurs).

A Odisseia não é o retrato fiel do homem grego na antiguidade, para Malkin (2005, p.65) a nossa visão do homem grego na antiguidade está totalmente ligada e extremamente influenciada pelo momento histórico que vivemos. O espaço aonde a Odisseia emerge é bem amplo, que traz o mundo estrangeiro em seu tema, com as aventuras de Odisseu para

voltar para sua casa, passando por várias terras estrangeiras. A Odisséia conta a história do rei Odisseu, que após ir para Guerra de Tróia, passa por várias aventuras para voltar para casa, passa por terras que jamais ninguém ouviu dizer sobre sua existência, com sua demorada volta. Penélope esposa de Odisseu se vê em uma grande dificuldade, pois diversos pretendentes queriam esposá-la. Com a esperança que seu amado marido regressar para Ítaca, na recusa de ter outro marido, Penélope tece a mortalha de seu sogro, prometendo escolher um pretendente assim que a terminasse. Odisséia é uma obra em que o mundo dos deuses estará ligado totalmente com o mundo terreno, pois tem Atena como protetora de Odisseu, o ajudando a regressar para a cidade, seu reino Ítaca, sua pátria (*oikos*).

Enquanto Odisseu passa por aventuras em terras estrangeiras tentando voltar à sua *oikos*, sua esposa a rainha Penélope, encontra-se em uma grande adversidade com a delonga do retorno de Odisseu. Muitos pretendentes vão ao palácio de Ítaca pretendendo esposá-la. Penélope é uma rainha bem nascida da realeza palaciana de Micenas, personagem chave do período homérico. Penélope é traduzida como uma mulher virtuosa, fiel e sábia. Para Pierre Brulé, (2001, p.89) Penélope é vista como o próprio *oikos*. A atitude de Penélope, que deixa seus pretendentes a cortejarem, é uma ação de não deixar seus pretendentes amadureçam para se tornarem grandes guerreiros, com isso eles não estariam preparados quando Odisseu voltasse.

A rainha micênica só tinha duas alternativas: voltar para casa de seu pai ou ficar em Ítaca. Essas duas alternativas só levariam a um único destino: contrair um novo casamento. Penélope de Homero é um exemplo de fidelidade, dedicação, beleza, preocupação para com seu esposo, dentro desse

contexto é inadmissível para a rainha contrair um novo matrimônio (Jean Bollack, 2001). A Odisséia traz um contexto da figura da mulher dentro de uma sociedade patriarcal. Penélope utiliza-se da sua *métis* para idealização de um plano, para esgueirar-se e subverter uma imposição masculina. Para VERNANT (1996, p.130), a *métis* é “um jogo de práticas sociais e intelectuais”, que vão se misturar ao faro, a sagacidade, a previsão, a sutileza de espírito, o fingimento, o desembaraço, a atenção vigilante, o senso de oportunidade dando a supremacia da *métis*. Penélope junto com sua *métis* e a tecelagem transfere para si a escolha de um novo cônjuge. Penélope escolherá um marido somente após acabar de tecer a mortalha de seu sogro. As ações de Penélope em Odisséia de Homero podem ser entendidas como atitudes transgressoras que contradizem uma ordem vigente (uma ordem palaciana).

A atribuição feminina dentro da sociedade é geralmente entendida como gerenciar o patrimônio (o *oikos*), tecer confecções de vestes e a preparação de alimentos, segundo Lessa (2004, p.34). Pelas palavras de Damasceno (2001, p.364) Penélope inicialmente tece com palavras a teia do engano, esperando a volta de Odisseu. Quando fica difícil dominá-lo ela passa a tecer, no sentido do próprio termo, conferindo a si o direito e o poder de manter intacto o fio da vida e ao mesmo tempo administrando a vida daqueles pretendentes que ali estão. Para a obra “*História dos Animais*” de Aristóteles, a imagem da mulher tecelã é, portanto, entrelaçada com a imagem da aranha tecendo seu destino. Nos estudos de Pomeroy (1999, p. 120), a educação feminina era iniciada na infância pela mãe e as amas, direcionando para a formação de uma esposa fiel e ideal e posteriormente, essa educação vai ser direcionada ao marido. Para Blundell (1998, p.60), a maior responsabilidade de

um chefe de família era oferecer à esposa uma educação cuidadosa.

Para Platão ("Livro V" d' A República) a tecelagem e a culinária como afazeres que são de destaque do mundo feminino, uma sabedoria que só as mulheres poderiam ter. Além do âmbito feminino a arte de tecer, vai ser valorizada pelo âmbito masculino, que vai transferir uma aparência de uma mulher dedicada ao seu *oikos* e com sua família. Independentemente do modelo de mulher reclusa no gineceu. As mulheres bem nascidas que é no caso de Penélope, Fabio Lessa (2004, p.18), expressa que a mulher da Grécia antiga vai usar a tática da tecelagem para subverter a dominação masculina, sem os rejeitar diretamente e criando alternativas para a relação de força. Como a tecelã no caso é Penélope, que é rainha de Ítaca, o grau de importância de tecer se eleva. A tecelagem era um meio de convívio e comunicação particularmente feminina. Lessa (2004, p.18), o ambiente de tecelagem do *oikos* que poderia ter participação das mulheres da casa, vizinhas escravas e amigas, teria um ambiente de cooperação e tinha a possibilidade de se informarem, trocarem análises e consolidarem um grupo como *philia*.

Penélope é vista como a abelha (Semônides de Amorgos), a mulher abelha se casava bem jovem, permanecia sua vida praticamente toda em silêncio no interior da sua casa, regendo os bens da *oikos*, educando seus filhos e era especializada em fiar, tecer e bordar. Para MOSSÉ (1990), as mulheres bem-nascidas, que é o caso da personagem chave desse estudo. Recaiá sobre elas um controle de assegurar a legitimidade da descendência da *oikos*. Por isso a preocupação de Penélope com os pretendentes que estavam em sua *oikos*, comendo, bebendo e usufruindo de suas escravas.

Fabio Lessa (2004, p.18) verifica que a mulher da Grécia antiga vai usar a tática da tecelagem para subverter a dominação masculina, sem os rejeitar diretamente e criando alternativas para a relação de força. Como a tecelã no caso é Penélope, que é rainha de Ítaca, o grau de importância de tecer se eleva. A tecelagem era um meio de convívio e comunicação particularmente feminina. Lessa (2004, 18), o ambiente de tecelagem das *oikos* que poderia ter participação das mulheres da casa, vizinhas escravas e amigas, teria um ambiente de cooperação e tinha a possibilidade de se informarem, trocarem análises e consolidarem um grupo como *philia*. Conforme Fábio Lessa (2004, p.23), as imagens em cerâmica funcionam como veículo de mensagem, que pode afirmar que não havia fronteira para essas imagens, pois alcançavam todas as camadas sociais. De acordo com Lissarrague (1987), as imagens foram mais divulgadas do que as documentações escritas. Elas estavam inseridas na vida e no cotidiano dos homens da antiguidade. A imagem contida no vaso grego que objetivamos em analisar possuía um contexto social de uso. A obra é social, pois o artista a cria para os outros, para ser vista. Vernant afirma que a obra não é feita para uma contemplação solitária, nem para o homem em geral. Precisa de um público que a entenda. Dirige-se para esse público; apoia-se sobre ele ao mesmo tempo em que o conquista e o transforma (VERNANT, 2001, p.146).

Burke apresenta a atuação da expressão feminista que chamaram a atenção para o fato de que a língua comum, dominada pelo masculino, não só expressa o lugar subordinado das mulheres, mas também as mantém em uma posição de subordinação (BURKE, 1995). Penélope utilizara a tecelagem, uma expressão particularmente feminina para sair do silêncio. Penélope através do

uso de táticas conseguiu transgredir ao modelo idealizado pela sociedade micênica, mas sem romper definitivamente com este, alcançando assim certa autonomia. A utilização de táticas pelas esposas para alcançar seus objetivos fazia parte do cotidiano ateniense. Neste sentido, compartilhamos do mesmo pensamento de Certeau quando ele afirma que o fraco deve tirar partido de forças que lhe são estranhas. Mas a sua síntese intelectual tem por forma não um discurso, mas a própria decisão, ato e maneira de aproveitar a ocasião (CERTEAU, 1999, p.47).

Para Certeau (1994, p.39), a mulher na Grécia antiga vai utilizar ferramentas do universo feminino para subverter uma dominação masculina, não rejeita diretamente a ordem patriarcal que é lhe imposta, porém consegue subterfúgios para modificar regras impostas a elas, que as mulheres não poderiam fugir. Essa influência, assim concebemos, foi obtida a partir do uso de táticas. A visão de tática como forma de infringir o esquema social, como arte do fraco, como única saída para as mulheres. Dessa forma, A invenção do cotidiano, desloca a atenção do consumo supostamente passivo dos produtos recebidos para a criação anônima, nascida da prática do desvio no uso desses produtos (CERTEAU, 1999, 13).

A *métis* de Penélope não pode ser ignorada. Ao utilizar o conceito (Burke, 2012, p.86), tendo em ponto de vista que Penélope está inserida dentro de uma sociedade patriarcal, onde as mulheres não teriam “voz”, teria voz a partir de atribuições associadas ao mundo feminino. No Caso de Penélope ela utiliza a *métis* atrelado a atribuição de ações do espaço único feminino (o tecer), foi capaz de arquitetar um plano que mudaria a ordem da sociedade patriarcal, a qual ela está inserida. Se as diferenças entre homens e mulheres forem

culturais, e não naturais, se “homem” e “mulher” forem papéis sociais, definidos e organizados de forma diversa em diferentes períodos, então os historiadores precisam explicitar o que quase sempre era deixado implícito na época, as regras ou convenções para ser mulher ou homem de determinada faixa etária ou grupo social em determinada região e período. Mais precisamente – visto que as regras às vezes eram contestadas – a ordem será contestada por Penélope, mas não claramente e sim arditamente para iludir seus pretendentes e enganar o homem que teria que decidir sobre seu futuro.

Segundo Viera (2008, p.2), “os animais, e não somente os homens, possuem uma *métis*, que lhes permite desvencilhar de uma armadilha, perceber que estão sendo perseguidos, enganar seu algoz e sair ileso, livre, enfim, vitorioso. E, dentre estes animais, estão os marinhos”. Para Burkert, (1993, p. 282), a *métis* pode ser incorporada no ato da sabedoria particular, incluindo desvios e truques. O conjunto semântico no valor da *métis* manteve-se estável por séculos na história, sua essência não mudou. Na proposta de Pucci, (1986), a *métis* dos deuses será diferente da *métis* dos homens. A *métis* dos deuses está associada nos poderes divinos, como podemos observar na passagem do documento textual, onde Athená utiliza de seus poderes divinais para enganar Odisseu, encobrindo Ítaca para que Odisseu não reconhecesse sua *oikos*. No âmbito da *métis* vinculado aos homens e heróis, podemos observar a *métis* de Odisseu, tentando enganar a deusa Athená, tentando demonstrar um homem vindo da cidade de Creta. *Métis* está relacionada a vencer, a ser superior, deter uma inteligência acima dos demais.

Para Détienne e Vernant (2008, p.17), a *métis* está designada aos vários planos e diversidades



Skyphos de figuras vermelhas, utilizado para armazenar e misturar líquidos provenientes de Atenas, datado de 450-400 a.C. de autoria: Penélope Painter.

múltiplas, habilidades úteis a vida. Para os autores a *métis* poderá ter conotações distintas ao seu êxito. Terá dois caminhos, um o resultado será através da fraude, do engano, não respeitando a regra do jogo, porém outra forma de observar o jogo da *métis* será a capacidade do mais fraco em surpreender o opositor forte em algum momento que ele esteve fragilizado. Homero utiliza em suas epopéias as várias facetas da *métis*, em seus heróis e também nos deuses. O conceito é vasto e ela pode ser definida como "uma potência de astúcia e engano" seu possuidor vencerá sem o uso da força. (DETIENNE, 2008, p.29).

A imagem da skyphos representa uma ilustração de uma passagem que está na documentação escrita. A cena descreve uma narrativa mítica, apresenta uma cena ambientada no gineceu, Penélope veste um *chiton* e um *himation* de cores

claras, vestimentas que mostra que Penélope faz parte da aristocracia micênica, também sendo uma esposa bem-nascida, seus pés estão descalços e cabelos presos. Penélope está sentada em uma cadeira baixa. A sua frente encontra-se Telêmaco, usando uma vestimenta tipicamente da aristocracia, um *himatio*. Telêmaco está segurando um cajado que representa um símbolo de poder dentro da *oikos*, o cajado é símbolo de poder e autoridade (ROBERTSON e BERD, 1993, p.26). A expressão do rosto de Telêmaco indica insatisfação ao comportamento da mãe ao nunca terminar o tear, sua expressão facial é de irritação com a situação. Ao fundo da cena podemos observar um tear, que é usado por Penélope no seu plano de tecelagem, para não contrair outro matrimônio, o tear era uma atividade exclusivamente feminina, então Penélope e Telêmaco estão no gineceu. O

tear demonstra que a cena desenrola-se no gineceu, segundo Brock (1994, p.338) a arte do tecer será feito dentro do ambiente doméstico.

A *métis* da tecelã é de extrema importância para o desdobramento do poema homérico e para seu futuro, pois a rainha consegue transferir para si a escolha de um novo marido, não somente a escolha, mas também, quando ela iria escolher o seu novo cônjuge. Penélope agrega valores essenciais para a *métis*, e a tecelã usa isso, a torna uma estrategista.

Cely Nathany Evang é Graduada em História pela Universidade Estácio de Sá. Pós-Graduada em História do Brasil Contemporâneo pela Universidade Estácio de Sá. Pós-Graduada em História Antiga e Medieval pela UERJ. Pós-Graduada em História da Arte e Arquitetura pela PUC-RIO.

Bibliografia e Fonte:

Documentação Primária:

Skyphos de figuras vermelhas – Atenas, datado de 450-400 a.C. de autoria: Penélope Painter.

Bibliografia Consultada:

ARISTÓTELES. Arte poética. 2010. São Paulo: Martin Claret
 BOLLACK, Jean. Le jeu de Pénélope. Europe 865: Homère, 2001.
 BURKER, Peter. História e Teoria Social. Tradução de Klauss Brandini Gerhart, Roneide Venâncio Majer e Roberto Ferreira Leal - 2ª edição ampliada – São Paulo, Unesp, 2011.
 BRULÉ, Pierre. Las femmes grecques à l'époque classique. Paris: Hachette littératures, 2001.
 CANDIDO, M^a Regina. Mulheres na Antiguidade. Rio de Janeiro, NEA/UERJ, 2012.
 CERTEAU, M. de A invenção do cotidiano: Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1999.
 COX, C.A. Household Interests: Property, Marriage, Strategies and Family Dynamics in Ancient Athens. Princeton: Princeton University Press, 1998.
 DAMASCENO, S. A dimensão temporal na poesia grega. IN: Phoënix. Rio de Janeiro: Sette Letras, 2001.

DETIENNE, M. & VERNANT, J. P. Métis - As astúcias da inteligência. São Paulo: Odysseus Editora, 2008.
 HOMERO. Odisseia. Tradução de Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
 LESSA, Fábio de Souza. EXPRESSÕES DO FEMININO E A ARTE DE TECER TRAMAS NA ATENAS CLÁSSICA. Rio de Janeiro, UFRJ, 2011.
 LISSARRAGUE, F. Images du Gynécée. IN: VEYNE, P. e outros. Les Mystères du Gynécéen. Paris: Gallimard, 1998
 LIMA, Kelly. O ESPAÇO DE PENÉLOPE: MOVIMENTAÇÃO E PERMANÊNCIA EM A ODISSEIA DE PENÉLOPE, DE MARGARET ATWOOD. Paraná – UFPR, 2012.
 MALKIN, I. Myth and territory in the Spartan Mediterranean. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
 MOSSÉ, Claude. La Mujer en la Grecia Clásica. Tradução Celia Maria Sanchez – Madrid, ed. NEREA, 1990.
 PLATÃO. A República (trad. e notas de Maria Helena da Rocha Pereira). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.
 POMEROY, S. Diosas, Rameras, Esposas y Esclavas: Mujeres en la Antigüedad Clásica. Madrid: Akal, 1987.